

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º 4 entrega	19.º Anno — XIX Volume — N.º 646	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte. m. forte)	5\$500	3\$000	1\$000	—	5 DE DEZEMBRO DE 1896	<i>Liaboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i> Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$500	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



## CHRONICA OCCIDENTAL

De Taine sobre Thackeray, o celebre auctor de *O Livro dos Snobs*: — «O Snob, esta palavra de giria intraduzivel e que não tem correspondente em francez é um filho das sociedades aristocraticas: empoleirado no seu degrão da grande escada, respeita o homem do degrão superior e desprisa o do degrão inferior sem se informar do que elles valem, unicamente em razão do logar que occupam; do fundo da sua alma acha natural beijar as botas do primeiro e dar pontapés no segundo.»

Fernandes Costa na primeira pagina da versão portugueza da obra prima do celebre romanista inglez, rival em talento do seu cõn-temporaneo Carlos Dickens, mimoseia o publico lusitano com a seguinte dedicatória: — «Emquanto não apparece entre nós o genio transcendente, predestinado a gravar no bronze triplice os lineamentos immortedouros do Snobismo portuguez, permittam-me os SNOBS do meu paiz que um simples Snob, como elles, lhes offereça, em guisa de espelho veridico, esta singella e despr e tenciosa versão.»

Ainda a respeito de Thackeray, e da sua obra diz Fernandes Costa na *Noticia biographica*, que acompanha a traducção: — «A feição dominante em Thackeray é

a satyra, não a satyra que se satisfaz com epigramas ou ditos de espirito, mas a satyra reflectida que encara o mundo e a sociedade, taes como devemos vêl os na sua realidade e os pinta com uma ironia sempre séria, sempre contida. Thackeray é da escola de Swift; o seu sarcasmo faz experimentar a sensação que dá o ferro em brasa. Ha no seu *Livro dos Snobs* paginas que elle só podia escrever. Este livro, especie de pamphleto moral e por vezes politico, toñou um tal logar na historia dos costumes e das idéas em Inglaterra, que o snobismo não se atreve já a manifestar-se tão

abertamente como fazia outr'ora.»

Depois d'isto, como seria bom que o tal genio transcendente apparecesse, como nos daria vontade de gritar *Surge!* ao abençoado, e como, de bom grado bradaríamos *Eureca!* se um critico, um só, se revelasse entim, que não fosse, como quasi todos entre nós, um poço de doença, um atacado de snobismo agudo!

E' esta a maleita, que ha tanto incommoda tantos, e a cada passo se revela nos minimos incidentes da politica, da arte, das modas, dos habitos dos portuguezes.

Que impórta que esteja suja a bota do que está no degrão de cima, que este pintasse de sangue de boi o taccão da chanca para fingir *talon rouge?*... Está acima!... Póde dar o tom. E os debaixo applaudem.

O Snob é typo das sociedades modernas, parvenu de risos ironicos, de quando em quando protectores. Fala, gesticula, conforme o compasso do que vai mais alto na escada social, marcando a contradança. Pensa conforme as modas, incapaz de ter uma idea por si. Ja houve um que estimou que a mulher o trahisse, porque o outro mais de cima lhe disse que era *chic*. Te e m todos a mesma opinião em arte — uma miseria! em politica — uma choldra! em trabalho — bom para os burros! Cheios de si, acham bom achar tudo máo, menos o que é d'elles, ou do Snobe de cima que os atormenta com variações de coices.

O Snobe portuguez tem como traço caracteristico o detestar quanto em Portugal se faz, se diz, se pensa, se escreve, se trabalha.

Como ao pé



DR. MANOEL VICTORINO PEREIRA — VICE-PRESIDENTE DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL.

(Copia de uma photographia)

d'elles é sympathico o velho caturra, agarrado ás tradições, cheio de antigas formulas reverentes, de religioso respeito por tantas idéas nobres, grandes, origem de tanta força, de tanta grandeza, e que tão nobremente nos levantaram até onde os olhos piscos não alcançam dos pintalégretes preciosos!

Já dizia Francisco Rodrigues Lobo que os portuguezes eram homens de ruim lingua, mas queixava-se apenas de que dissessem mal da sua. Hoje nada lhes escapa e tudo querem passar á ponta de suas espadas de chéché.

Fez ha dias duzentos e cincoenta e seis annos que poucas dezenas de portuguezes conseguiram em um só momento de inspirado arrojo levantar contra um poderio enorme uma nação pequenina. Nunca se punha o sol no immenso imperio que D. Filipe IV herdara de seu avô. Atravessava o Atlantico onde tantas ilhas lhe pertenciam, D'elle eram a America do Sul e o Mexico, as ilhas opulentas do Novo Mundo. A bandeira hespanhola tremulava no Pacifico em cada ilha, nos portos da China, nas vastas regiões das terras australianas, em tantos fortes da península de Malaca e das Indias, em toda a vastissima coste africana. Era enorme esse imperio na Europa, na Asia, na Africa, no velho, no novo, no novissimo mundo. O mundo inteiro enviava aos portos da península suas incalculaveis riquezas: a India as pedras finas, coraes, especiarias e roupas; a China as perolas, o aljofar, as porcelanas, as alcatifas; Sofala o ouro; a Arabia a myrrha; a Persia telas e sedas; as ilhas do Oceano courames, madeiras, vinhos e trigo.

Foi contra esse poder gigante que poucos portuguezes, dispondo de pouquissimas forças, contando apenas com o amor que seus irmãos no sangue e no sofrimento deveriam ter á mesma mãe patria, n'um momento de inspiradissimo e religioso enthusiasmo, ergueram os braços, muitos dos quaes mal podiam manejar uma espada.

O feito sem duvida foi heroico, tão temerario que até os que mais com elle lucravam e haviam de honrar-se, tremiam pelo exito da empreza.

Que bellas paginas de historia as d'essa conspiração, a d'esse povo, que, duas horas depois do primeiro grito de sublevação solto no Terreiro do Paço, continuava em sua vida laboriosa, crente na patria, cheio de fé no futuro!

Tal foi o ecco d'esse brado de alegria que vinha terminar tantas angustias, que, poucos dias depois, o rei portuguez era acclamado em Portugal inteiro.

E entretanto a Madrid só haviam chegado novas da revolta de Lisboa e o Conde-Duque de Olivares dava os parabens a El Rei de Hespanha. Como seria facil castigar o Duque de Bragança, confiscar-lhe os bens, tornar Portugal definitivamente uma simples provincia d'aquelle immenso imperio!

Durou a guerra muitos annos e muito sangue custou de bons portuguezes. Nessa epoca brilhou um dos maiores vultos da nossa historia, o Conde de Castel-Melhor, tão maltrado pelos seus, tão ingratemente pago pelos que muito, senão tudo, lhe deviam.

Mais uma vez portuguezes haviam sido gigantes, a nacionalidade impercível mais uma vez se affirmára.

O dia um de dezembro é uma data gloriosa na historia, digna de ser lembrada e celebrada. N'esse dia Portugal ergueu-se do leito onde se achava condemnado á morte. Pegou na velha espada de Aljubarrota e n'um esforço que ninguém supporia em musculos tão enfraquecidos, tão chagados pelas algemas, vibrou-a d'alto a baixo, derrubou por terra um throno e levantou outro.

Ha quem ainda sinta vibrar o coração com estas coisas, rememorando estes factos.

Os outros chamam lhes caturras. Sei-o hão, mas são sympathicos. O que os faz vibrar em santissimo enthusiasmo foi uma guerra santa, foi um acto heroico, foi uma viuva armando cavalleiros seus filhos para que fossem bater-se pela patria, foi o immenso poder d'esse amor pela nacionalidade que obrigou um povo inteiro a soltar o brado que retiniu por esse imperio, onde nunca descia a noite e contra o qual os enfraquecidos se atreveram.

Que tem os snobs que rir, elles impotentes, elles ridiculos, elles cobardes, elles incapazes d'um movimento nobre, d'um pensamento acima da boita que lambem?

Continua em Africa a guerra; Portugal soffre e arrasta a vida em miseria pungente. Um pequeno esforço, um cuidadoso amparo dos seus poeria alivial-a, talvez pouco a pouco desfazera. Bastaria para isso pensar um pouco mais nas nossas coisas, amal-as como nossas, por ellas desvelar-nos um pouco. Deixar rir quem ria. O riso do

snob é parvo e fedorento. E, já que o seu caracteristico é desprezar o que é nosso no passado, no presente e no futuro, que lhes ha de pagar a tola vaidade de superiores com superior despreso, comecemos nós desde já luctando contra o ridiculo d'elles, e, embora elles nos achem ridiculos, sejamos caturras.

João da Camara.



## AS NOSSAS GRAVURAS

DR. MANOEL VICTORINO PEREIRA

VICE-PRESIDENTE

DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

O agravamento de antigos padecimentos do Dr. Prudente de Moraes, presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil, determinaram este a abandonar temporariamente o logar de chefe do estado, entregando o poder ao Dr. Manoel Victorino Pereira, vice-presidente eleito da Republica.

Para esse fim, o Dr. Prudente de Moraes enviou um officio concebido nos seguintes termos:

«Sr. Dr. Manoel Victorino Pereira, vice presidente da Republica».

Tendo necessidade de guardar repouso durante algum tempo para restabelecimento da minha saúde, conforme prescripção medica, e não podendo por esse motivo occupar me com os negocios publicos emquanto perdurar esse impedimento, tenho a honra de passarvos o cargo de presidente da Republica.

Prudente de Moraes.

Presidente da Republica»

A noticia d'este acontecimento, produziu, nos primeiros momentos, certo alvoroço, porque se receava muito pela saúde do honrado presidente da Republica, e El-Rei o Senhor D. Carlos, enviou logo um telegramma a informar-se do estado do illustre enfermo, telegramma que teve a resposta mais lisongeira, pois tranquilisou os espiritos com respeito á doença do presidente, que, felizmente, não tem maior gravidade, permitindo que dentro em breve retome o seu antigo logar.

Entretanto a presidencia da Republica está depositada em boas mãos, pois que o vice-presidente, sr. Dr. Manoel Victorino Pereira, saberá, decerto, manter a politica conciliadora inaugurada pelo governo do Dr. Prudente de Moraes.

De facto a vasta illustração e intelligencia do novo chefe da Republica brasileira, são garantia do que avançamos.

O Dr. Manoel Victorino Pereira é de origem humilde, pois é filho d'um honrado industrial, o sr. Victorino José Pereira, portuguez estabelecido ha muitos annos na cidade da Bahia com officina de moveis ou marcenaria.

Nasceu na cidade da Bahia a 30 de Janeiro de 1854, e quando contava 14 annos tinha feito a sua educação litteraria elementar, devendo entrar para a officina de seu pae para seguir a mesma carreira industrial.

O joven estudante, porém, tinha revelado tão grande aptidão para os estudos, que os seus professores instaram para que elle continuasse a estudar, no que seu pae tambem concordou e assim proseguiu os seus estudos, vencendo em dois annos os preparatorios e matriculando-se em 1871 na Escola de Medicina da Bahia, fazendo um curso brillantissimo, que excedeu toda a espectativa. Trabalhou com tanta dedicação e enthusiasmo nos dois primeiros annos do seu curso, que esse excesso alterou a sua saúde, adoeccendo gravemente no fim do segundo anno, o que, se por um lado era consequencia do afincoaos livros e do laboratorio, por outro lado era tambem devido ao moço estudante querer ajudar seu pae nas despezas que com elle fazia, e para isso trabalhar na officina de marcenaria como qualquer official, nas horas que podia ferrar ao estudo. Este facto é extremamente honroso para o Dr. Manoel Victorino Pereira, e affirmá qualidades de caracter do mais subido valor.

Apesar d'aquelle contratempo, o distincto estudante concluiu, em 1878 o seu curso de medicina e defendia these que foi justamente apreciada, versando sobre a escravatura no Brazil como causa de enfermidades que o trafico africano e as condições de vida do preto, tinham introduzido no paiz.

Poucos mezes depois de defender these, foi ao concurso para lente do Instituto de Ciencias Accessorias da Escola de Medicina da Bahia, logar que alcançou.

Uma viagem que fez á Europa permittiu-lhe alargar os seus conhecimentos scientificos, visitando os estabelecimentos de ensino medico de Vienna d'Austria, Berlim e Londres, sendo, no regresso d'esta viagem, encarregado de reger, interinamente a cadeira de anatomia pathologica, na Escola de Medicina da Bahia.

Entrou depois no concurso para a cadeira de clinica cirurgica da mesma escola, e as suas provas foram tão brilhantes, que não só mereceram a completa approvaçào do jury, mas este ainda lhe conferiu um voto de louvor ou distincção, o que foi uma excepção aberta para o dr. Manoel Victorino Pereira.

Foi por entre os applausos de toda a academia que o dr. Manoel Victorino Pereira, tomou posse da sua nova cadeira, em 1883.

Por 1885, quando se agitava a campanha abolicionista, foi que o dr. Manoel Victorino Pereira começou a figurar na imprensa brasileira contra a escravidão no Brazil, e são notaveis os seus artigos de então.

Vencida a causa da liberdade do elemento servil, o dr. Manoel Victorino Pereira, deixou tambem a imprensa jornalistica e dedicou-se ao desenvolvimento do ensino popular, na sua terra, o que lhe valeu tomar a direcção do Lyceu d'Artes e Officios, que reformou completamente, organizando uma bibliotheca, galeria e museus e dando nova orientação ao estudo, n'aquelle estabelecimento.

Em 1885, foi escolhido com o dr. Ruy Barboza para representar o partido liberal.

No congresso medico, d'esse mesmo anno, representou a sua classe, no Rio da Janeiro.

Em 1889, quando a revolução implantou a republica no Brazil, um dos primeiros actos do governo provisorio, foi o de nomear o dr. Manoel Victorino Pereira, governador da Bahia, cargo de que tomou posse, em 23 de novembro d'aquelle anno, sendo bem accete a sua nomeação e prestando relevantissimos serviços, n'este cargo, de tanta responsabilidade.

Na eleição de deputados de setembro de 1890, teve mais de 25.000 votos e na da convocação das constituintes do Estado, foi o mais votado para senador e muitos dos projectos de lei mais importantes complementares da constituição, são obra sua.

Na vaga do senador Saraiva, foi eleito para o substituir e tomou parte activa e importante em todas as questões que se debateram no parlamento.

Tomou parte na commissão organisadora do partido republicano federal, de que foi relator.

Tão provada competencia e actividade indicavam naturalmente o dr. Manoel Victorino Pereira para um dos primeiros cargos da Republica, o, por isso, reunida a convenção de setembro, foi escolhido para vice-presidente da Republica, cargo de que entrou agora no exercicio, em consequencia da doença do Dr. Prudente de Moraes.

## ILHA DA MADEIRA

A formosa ilha da Madeira, encanto dos viajantes que a visitam, tem dado assumpto por mais de uma vez ás paginas do OCCIDENTE, onde tem sido publicadas gravuras e artigos referentes a varios pontos e costumes d'este archipelago. Mas por mais que exploremos as suas belezas, mais temos que explorar, quer a apreciemos sob o ponto de vista dos dotes naturais, quer analysemos os seus costumes pittorescos, ou investiguemos a sua historia.

Hoje apresentamos aos nossos leitores a reprodução, em gravuras, de umas bellas photographias do sr. Camacho, representando a primeira vista da villa de Camara de Lobos, e as seguintes, costumes e typos referentes ao archipelago madeirense.

A villa de Camara de Lobos é uma das terras mais lindas da ilha da Madeira, se é que pode haver preferencias, e ao mesmo tempo de mais alta importancia historica, por ser o ponto em que desembarcaram os primeiros portuguezes que descobriram a ilha.

A villa de Camara de Lobos, ou Cama de Lobos, como vulgarmente lhe chamam, é cabeça de concelho com cerca de 500 fogos e 14.000 habitantes. Tem uma excellente bahia na costa sul que é magnifico porto de mar, e no extremo oeste do concelho, o cabo Girão que entra pelo Oceano. Varios são os pontos mais elevados que possui, de que mencionaremos o da Ponta d'Agua e o da

Ponta do Sol, que fica no seu concelho e que é assim denominado porque em todo o anno, d'ali se vê o sol desde que desponha até se sumir no occaso, podendo, além d'isto, contemplar-se d'aquella eminencia o risonho panorama da Costa do Sul, que decorre da Ponta d'Agua á do Jardim.

A costa Sul, onde está situada a villa da Camara de Lobos, pela amenidade do seu clima e melhor abrigo para as embarcações, contrasta frisantamente com a Costa Norte, onde, além do Porto Moniz e Porto da Cruz, somente o Porto da Boa-Ventura offerece ancoradouro e ainda assim a respeitosa distancia da terra; os outros portos só podem ser frequentados por barcos costeiros, que se conservam distantes da costa e ali recebem a carga em pipas e barris bem vedados, que se lançam ao mar e que os barcos vão apanhar na corrente.

Pelo mesmo processo são feitas as descargas, com a differença que as pipas ou barris, são impellido para a terra por homens que se mettem n'agua e os vão guiando. É realmente original e curioso este processo de carga e descarga das embarcações, na Costa Norte da ilha da Madeira.

Não menos curiosos são os meios de conducção empregados geralmente na ilha da Madeira, e que tem a sua razão de ser, no terreno accidentado de grandes elevações pedregosas e de mui difficil transito para solpedes.

Assim as redes ou machilas conduzidas por homens é um dos meios de transporte de passageiros, que d'este modo são conduzidos de uns pontos a outros da ilha, com mais commodidade e segurança, vencendo as distancias em pouco tempo, porque os carregadores que conduzem as redes são bons andarilhos.

Os carros, como o que a nossa gravura representa, são outro meio de conducção para mais de uma pessoa. Estes carros feitos de madeira e de verga, são relativamente leves e a junta de bois que os puxa, facilmente os transporta, quer no caminho plano, quer nas ingremes ribanceiras escorregadias de burgau da praia. Para abrigar os passageiros, tem cortinas e toldo de oleado, e são guiados por um homem, que atraz do carro o vae encaminhando, e por um rapaz que vae adiante a que se chama *candieiro*.

Das mulheres do campo ou villõas que diremos? Que são geralmente formosas como é proverbial d'aquellas filhas do Oceano, deixai-nos assim dizer, e não menos que a sua belleza, são os seus trajos coloridos e pittorescos de certa originalidade, muito especialmente no carapuço de bico espetado para o ar, nota singular do seu vestuario, e que vae perfeitamente a uma cara bonita como, em geral, tem as madeirenses.

### PELOURINHO DE MURÇA

Murça de Panoyas, ou Muça, como a designam os seus antigos foraes, é uma Villa de Traz-os-Montes, situada na raiz da serra de S. Thiago, proximo da margem esquerda do rio Tinhella, em logar pittoresco, 3o kilometros ao norte de Villa Real.

É das povoações mais antigas de Portugal e o seu primeiro foral foi dado por D. Sancho II em 8 de maio de 1224. D. Afonso III lhe deu outro foral, confirmando o primeiro, em Santarem, a 10 de Janeiro de 1268. D. Diniz, deu-lhe terceiro foral, em Lisboa, a 18 de abril de 1304. Parece que D. João I também lhe deu foral, mas o ultimo é de El-rei D. Manuel e foi passado em Lisboa, a 4 de maio de 1512.

Foram primeiros senhores de Murça os Mirandas Limas. O primeiro Conde de Murça foi D. Miguel Antonio de Mello, ministro da fazenda e dos estrangeiros, conselheiro de estado, capitão general d'Angola, etc., em tempo de D. João VI.

O pelourinho é, talvez, das coisas mais notaveis da villa, que de resto nada offerece de curioso ou notavel para ver em seus edificios.

Como curiosidade encontra-se na praça da villa, um monstro qualquer de pedra, a que se dá o nome de porca ou urso e a respeito do qual existe a seguinte lenda.

No século VIII era esta povoação e o seu termo assolada por muitos ursos e javalis que produziam grandes estragos. Armaram-se numerosas montarias que deram caça a estas feras e as escoraçaram para longe; mas houve uma porca ou urso que escapou das montarias e que se tornou o terror d'aquelles povos pela sua extraordinaria corpulencia, ferocidade e ao mesmo tempo, matreice, que sempre conseguiu illudir os caçadores. Foi então que, em 757, o senhor de Murça, cavalleiro corajoso e possante, decidiu matar a fera, e taes artes empregou, que conseguiu reali-

sar o seu intento, libertando as povoações d'aquelle monstro.

Em memoria d'esta façanha é que se fez o tal monstro de pedra e se collocou na praça da villa, ficando conhecido pela *porca de Murça*.

Os habitantes da villa, em signal de reconhecimento, concordaram em darem annualmente até á consummação dos seculos, ao Senhor de Murça e a seus herdeiros, tres arrateis de cera, fóro que se estabeleceu ser pago todos os annos, na praça e junto á tal porca de pedra.

## CONSTANTINO DE BRITO

CORONEL D'ENGENHEIROS

### III

Basta de considerações, em que nos íamos espraçando e que nos levariam mais longe do que é nosso proposito ao fallarmos do coronel de engenheiros, motivo do presente artigo.

A vida do distincto official tem sido uma verdadeira lucta, lucta que mais se assentou desde a sua sahida de Góa, em direcção ao reino onde veiu completar os seus estudos.

Grandes difficuldades o assaltaram ao proseguir o seu intento, e não menor foi a difficil viagem que fez da India para Lisboa, em que naufragou

Essa viagem, como a maioria das que se faziam por mar ha trinta annos, foi em navio de vela, o qual assalteado de fortes temporaes, teve de arribar a Moçambique para reparar avarias. Antes, porém, de ali chegar esteve a ponto de dar á costa em Madagascar, em consecuencia de uma forte corrente que o impellia para a terra. Foi preciso levar o navio á sirga em plena calma, e assim conseguiu chegar a Moçambique. Reparadas as avarias continuou a viagem até ao Cabo da Boa Esperança, onde novas tempestades se desencadearam, produzindo grandes estragos no navio, que abriu agua e cujo leme se espedaçou á entrada da bahia de Simão, dando o navio á costa.

Mas não findaram aqui os contrastes d'esta viagem, que teve o seu tanto de tragica, fazendo recordar essas paginas da nossa emocionante historia maritima

Perdido o navio e abandonado pela tripulação, recolheram-se os naufragos, em o numero dos quaes se contava o sr. Constantino de Brito, seu unico passageiro a bordo de uma barca ingleza que seguia para Lisboa. Não foi, porém, isemta de perigos esta viagem, porque o commandante da barca, um inglez fleugmatico e amante do bello Oporto-wine multiplicaram-se-lhe provavelmente os algarismos nos seus calculos da carteesam, e quando julgava ter já transposto a altura dos Açores e passado ao Sul da ilha de Santa Maria, encontrou-se com a sua barca em frente do baixo das Formigas!

Imagine-se o effeito d'esta surpresa no espirito de quantos iam a bordo! e quanta presença de espirito e resolução havia mister para se salvar da morte imminente. Essa presença de espirito e resolução teve a o capitão portuguez que vinha a bordo, que promptamente chamou pelos seus marinheiros, que até ali eram como simples passageiros do navio inglez, e assumiu o commando da barca, mandando manobrar como convinha para nos salvarmos da imminente catastrophe.

Este bravo capitão portuguez, de nome João da Cruz Chaves é que trouxe até Lisboa o navio, porque o commandante ninguem mais o viu na tolda. Envergonhado e corrido encerrou-se no seu camarote durante o resto da viagem.

Estes contrastes demoraram consideravelmente a chegada do sr. Constantino de Brito a Lisboa, pois levou um anno a viagem que em condições normaes poderia gastar quatro mozes.

D'este facto resultaram graves transtornos para a carreira do nosso biographado, porque um anno mais cedo que tivesse encetado, em Lisboa, os seus estudos, elle não teria sido sacrificado pela reforma da Escola do Exercito, de 1864, que tacitamente excluiu de poderem frequentar os seus cursos os militares do ultramar. Foi em 1864, também, que o sr. Constantino de Brito concluiu, com distincção, o curso geral da Escola Polytechnica de Lisboa, precisamente no anno, em que a alludida reforma o inhibiu de entrar na Escola do Exercito como militar.

Assim appellou para o curso de engenharia civil, que concluiu em 1867.

Habilitado com o diploma de engenheiro civil, pretendia entrar para o serviço das obras publicas, quando um decreto do ministerio reformista

excluiu os officiaes do Ultramar de desempenharem commissões de serviço publico, no reino.

Então resolveu o sr. Constantino de Brito frequentar como alumno voluntario, na Escola do Exercito, as cadeiras militares, o que effectou e reunindo as cartas dos seus cursos militares e civis, requereu a sua transferencia para o exercito de Portugal, o que lhe foi concedido por carta de lei de 12 janeiro de 1871.

Foi uma profiada lucta que consumio annos para chegar ao seu termo, mas para que até ao fim não cessassem as difficuldades, a carta de lei que mandou admittir o sr. Constantino de Brito no exercito de Portugal, impunha-lhe a condição de frequentar a Escola do Exercito e n'ella concluir o curso da arma para que fosse classificado em vista das suas habilitações.

A esse tempo já o sr. Constantino de Brito fóra promovido a tenente do exercito da India, e o marechal Saldanha, tomando em consideração os seus successivos revezes que tinham atrazado a sua carreira, quiz promovel-o a capitão do Estado-Maior, mas taes difficuldades se levantaram que não se ponde realizar a dita promoção e o sr. Constantino de Brito, foi collocado tenente da arma de engenharia, quando seis annos o poderia ter sido, se a sorte lhe não fosse tão adversa.

Collocado, pois, em engenharia em 1873, foi logo empregado no serviço da inspecção da 1.<sup>a</sup> divisão militar, onde de empenhou diversas commissões, tendo em outubro d'esse anno ido servir d'ajudante do batalhão.

Promovido em 1876 a capitão, foi no mesmo anno nomeado para fazer serviço na direcção geral de engenharia, accumulando este serviço com o do batalhão em que fóra collocado. Por ordem do exercito de 1877 foi nomeado secretario geral de engenharia, commissão que desempenhou até 1880, em que novamente foi collocado no batalhão, accumulando este serviço com o da inspecção d'engenharia na 1.<sup>a</sup> divisão militar

É extremamente honroso para o illustre militar o modo como elle se desempenhou d'estas commissões, e assim o attestam as lousaveis phrases dos seus chefes, os generaes Sanches de Castro, Manços de Faria, Tallaya e Judice. Aqui deixamos consignada a apreciação que d'elle fez o general Manços de Faria: — «Constantino de Brito se houve sempre por maneira que nada deixou a desejar, tanto no cumprimento das determinações a que teve de satisfazer por intermedio da inspecção d'engenharia da 1.<sup>a</sup> divisão militar, como especialmente no desempenho sob a immediata dependencia das funcções do logar de secretario da direcção geral da arma, em que pelo seu muito zelo, muita intelligencia e muita actividade se tornou para mim credor de muita consideração.»

Em 1881 foi o sr. Constantino de Brito nomeado director das obras publicas de Macau, commissão bastante espinhosa pela rivalidade que havia da camara municipal d'aquella cidade para com a direcção de obras publicas.

Houve-se, porém, o distincto engenheiro com tão bom criterio e inextinguivel zelo, n'esta commissão, que a camara municipal para testemunhar-lhe o seu reconhecimento, deu a uma rua nova que abriu, no atterro do porto interior, o nome de Constantino de Brito e quando este cavalleiro deixou a provincia, enviou-lhe um documento comprovativo da alta consideração em que teve os seus serviços. N'essa occasião recebeu igualmente *adresse* em letras de ouro sobre sermim vermelho, dos principes proprietarios e commerciantes chinezes, no qual lhe agradeceram os esforços por elle empregados, como director das obras publicas, para o melhoramento e aformoseamento da cidade, manifestando-lhe por isso o seu reconhecimento e sympathia. Era a primeira vez que a um director de obras publicas se faziam taes manifestações, em Macau, e um jornal d'aquella localidade, que tinha guerreado a direcção das obras publicas, confessou por fim que o dinheiro melhor applicado na provincia, era aquele que se despedia com a instrucção e com a direcção das obras publicas. Sob a direcção do sr. Constantino de Brito foram executadas obras importantes na provincia, como a construcção de uma egreja na ilha da Taipa, primeiro templo catholico que se erigiu n'aquella ilha; restauração de outras egrejas, que se encontravam em completa ruína; construcção de um quartel e melhoramentos em outro; ampliamto de jardins publicos e construcção de estradas, além do abastecimento de aguas na cidade, que lhe mereceu especial attenção e pelo que foi louvado por uma portaria provincial, em 1882.

Por portaria provincial de 1881 foi nomeado inspector dos incendios, em Macau, commissão de que foi exonerado a seu pedido, tendo antes

d'isso submittido á approvação do governo um regulamento para o serviço dos incendios, que foi approved. Outra portaria provincial de 1882 nomeou-o presidente de uma commissão encarregada de estudar os melhoramentos do porto de Macau. Foi superiormente encarregado de supe-

pre pugnou com calor na imprensa pelos direitos dos seus camaradas e compatriotas, defendendo-os, não só no *Jornal do Commercio*, como no *Diario Popular*, *Gazeta do Povo*, e outros, quando em 1871 foi extinto aquelle exercito.

Bem novo ainda, em 1861, fez a sua estreia na

nas Novas Conquistas, serviço pelo qual foi louvado em ordem do exercito do Estado da India, por se ter conduzido louvavelmente no reencontro com os bandidos. — N'essa época, desde junho de 1852 até junho de 1856, em que a provincia de Satary e a de Embarbagem foram conside-



ILHA DA MADEIRA — VILLA DE CAMARA DE LOBOS

(Copia de uma photographia do sr. Camacho)

rintender aos trabalhos de medição e confrontação de terrenos foreiros á fazenda publica.

Em julho de 1883 foi nomeado presidente de uma commissão encarregada de propôr os melhoramentos da cidade, sujeitando-os a um plano geral e sob o ponto de vista das melhores condições de salubridade, sendo louvado pelo modo superior como se desempenhou d'aquellas commissões.

O sr. Constantino de Brito nunca esqueceu o seu alistamento no exercito da India, porque sem-

*Revista Militar* defendendo o exercito da India d'umas injustas apreciações. — Tambem em 1877 discutiu no jornal *O Progresso* o tratado Anglo-Luzo, e sabemos que não se conservou estranho e indifferente na questão que ultimamente tem sido tratada na imprensa sobre os lamentaveis acontecimentos da India. — Quando alumno da Escola Militar de Goa offereceu-se com os seus condiscipulos para ir bater uma quadrilha de salteadores, commandada pelo celebre Dipu Ranes, que infestava n'essa época a provincia de Satary,

radas em estado de sitio, os alumnos militares do exercito da India, que tinham os seus regimentos n'aquellas provincias, como succedia ao regimento de infantaria 2, a que pertencia Constantino de Brito, passavam as suas férias escolares por brénhas, algares e despenhadeiros, batendo os salteadores, serviço bastante violento e cortado de perigos, que foi considerado serviço de campanha, pelo governo da India.

A capital de Satary foi conquistada em 1780 pelo brigadeiro Henrique Carlos Henriques, avô

materno de Constantino de Brito, e nas ultimas conquistas da India, outros de seus avós figuraram tambem como heroicos protogonistas, salientando-se porém Henrique Carlos Henriques, porque não só expunha a sua existencia como um verdadeiro heroe, mas sacrificava os seus avultados haveres no equipamento da tropa, e em outras larguezas de nobre fidalgo. — Em 1763, conquistou elle a provincia de Pondá, e Zambaulim; em 1780 conquistou Bicholim, Sanquelim, e Mannerim. Tomou Querim, Gululem e Uspá. — Um folheto publicado pelo notavel orador e deputado, o dr. Francisco Luiz Gomes, refere os relevantissimos serviços prestados á nação pelo brigadeiro Henrique Carlos Henriques cognominado «o ultimo conquistador da India.» São-lhe altamente honrosos os officios que o vice-rei, conde da Ega lhe dirigia, preciosos documentos religio-

samente conservados, felicitando-o pela sua conquista da praça de Pondá e da fortaleza de Zambaulim.

Este heroe, (a gloria dos seus descendentes) descendia da familia de Luiz Henriques, fidalgo cavalleiro da Real Casa, antes de 1422, a quem o rei D. João 1.º doou em 1422 o paço de Bombarral, doação que em 1533 foi confirmada pelo rei D. João 3.º

Por direito de successão é tambem Constantino de Brito fidalgo cavalleiro da Casa Real, por alvará de 1868

Remataremos dizendo que o sr. Constantino de Brito é um apaixonado *dilettanti*, tendo sido socio da Real Academia dos Amadores de Musica, da qual n'uma época foi eleito presidente da direcção, pugnando com verdadeiro entusiasmo pelo seu brilho e realce, e tendo sido n'essa época que o maestro Victor Hussia foi contratado para director da Real Academia. E reconhecendo quanto a orchestra lucrava com tão distincto professor, não deixou a direcção sem que tivesse sido renovado o contracto d'aquelle insigne maestro por uma escriptura publica.

*Dr. A. M. de Tavora.*



ILHA DA MADEIRA—MULHER DO CAMPO OU VILLOA



ILHA DA MADEIRA—REDE PARA TRANSPORTE DE PASSAGEIROS



ILHA DA MADEIRA—CARRO PARA TRANSPORTE DE PASSAGEIROS  
(Copia de photographias do sr. Camacho)

## O NARIZ DO TABELIÃO

POR E. AUBRY

VER AS MÃOS DO ORIENTE E DO OCCIDENTE. — CORRE BANQUE.

Messér Alfredo L'Ambert, antes do golpe fatal que o obrigou a mudar de nariz, era, inquestionavelmente, entre os tabelliões todos da França, o mais brilhante; tinha n'essa época, 32 annos, boa figura e porte distincto, olhos grandes e rasgados; a fronte, olympica, a barba e cabellos, loiros, do mais aprazível cambiante.

O nariz, (o primeiro da sua estirpe) recurvo, qual bico de aguiá. Quem não quizer não acredite, mas a gravata branca ficava lhe a matar. Seria porque as usava desde que se conhecia, ou pelo facto de as comprar na loja mais afamada? Quer-me parecer que seria por ambos motivos. Vae uma grande differença entre enrolar á roda do pescoco um lenço, á laia de corda, ou atar com primor um laço de cambraia branca, com as pontas eguaes, engommadas em boa conta, e viradas em symetria, uma para a direita, outra para a esquerda. Uma gravata branca, escolhida com cuidado, e atada a preceito, é adorno que não deixa de ter sua graça, e senão, as damas que o digam. Não basta, porém, pô-la ao pescoco, é mister sabê-la a usar — questão de pratica.

Porque será que, em dia de noivado, o jornalista apresenta esse ar vendido, esse desasado aspecto? Porque respéga ao pescoco a gravata branca, sem o mínimo estudo prévio. A gente habitua-se, por assim dizer, n'um apico, a usar as coisas as mais estapafúrdias: — não vamos mais longe — uma coroa.

O soldado Buonaparte, lá foi apanhando uma que cahira a el-rei de França em meio da praça de Luiz XV. Ajeitou-a á propria cabeça, sem pedir lições a ninguém — e a Europa concordou que o toucado lhe não assentava nada mal.

Em breve, até, fez com que a coroa entrasse em moda, no circulo da sua familia e dos seus intimos. Em torno d'elle, todos a usavam, ou estavam morrendo por isso. Mas este homem extraordinario nunca passou d'um engravatado assaz mediocre.

O nobre visconde de C. . . auctor de varios poemas em prosa, estudára diplomacia — i.e.: a arte de se engravatar eficazmente. Em 1815, assistiu á revista do nosso derradeiro exercito, poucos dias antes da campanha de Waterloo. Naquelle festa heroica, em que vinha expandir-se o enthusiasmo d'um magno povo, reduzido ao desespero, sabem o que lhe fez mais impressão? — Foi o seguinte.

Buonaparte tinha a gravata mal posta.

N'este terreno pacifico, poucos haveria que competir podessem como messér Alfredo L'Ambert. — Notem que digo L'Ambert e não Lambert — assim o decidiu o Conselho d'Estado. — Mestre L'Ambert, successor de seu pae, exercia as funções de tabellião, por direito hereditario.

Transmittia, ha mais de dois seculos, esta familia, de varão a varão, o seu cartorio da rua de Verneuil, e com elle a clientela mais graúda do arrabalde S. Germain.

Não era facil avaliar os proventos do cargo — que nunca sahira da familia — mas, a calcular pelo producto dos cinco annos mais recentes, não deviam orçar por menos de 300.000 escudos; e tanto monta dizer que, uns annos por outros, devia render as suas 97.000 libras.

Os primogenitos da familia, sem excepção, usavam todos gravata branca, — com a mesma naturalidade com que os corvos usam penna preta, os bebados penca vermelha, ou os poetas casacos no fio.

Herdeiro legitimo de nome importante e de consideraveis haveres, o juvenil Alfredo mamára, junto com o leite, os sãos principios. Envolvia em bem merecido desprezo quantas novidades politicas lograram entremetter se em França, em seguimento á catastrophe de 1789.

A nação franceza, a seu ver, compunha-se de tres classes: clero, nobreza e terceiro estado. Opinião respeitavel e que ainda hoje é compartilhada por certo numero, embora diminuto, de senadores. Postava-se entre os primeiros do terceiro estado, e não sem umas certas pretensões á nobreza togada.

Votava profundo desprezo á nação franceza, salgahada de camponios e mechanicos, a que chamavam povo — arraia meuda —

Chegava-se o menos que podia para semelhante gente, em razão do muito amor e dos extremosos cuidados que dedicava á propria pessoa. Esbelto, sadio e forte qual o robalo do rio — vivia com a convicção de que essa gentilha era apenas

réles petinga, creada muito de proposito pela Providencia para sustento de D. Robalo.

Excelente pessoa, aliás, como quasi todos os egoistas; mui estimado no tribunal, na Assembleia, na camara dos Notarios, na conferencia de S. Vicente de Paula — e na sala de esgrima — atirando assaz bem de estoque e de revéz — bebendo como um homem — amante generoso — emquanto tinha o coração captivo — amigo fiel, para a gente da sua egualha; credor cheio de blandicias; sempre que arrecadava os juros do capital; requintado em questões de gosto, vestindo a primor; acceiado e luzidio qual moeda de ouro novinha em folha — assiduo á missa, aos domingos, no templo de S. Thomaz de Aquino — certo, ás segundas quartas e sextas, no foyer da Opera; fora elle sem duvida alguma o mais perfeito gentleman do seu tempo, quer no moral quer no physico, se accaso a deploravel myopia o não obrigasse a usar óculos.

Será necessario acrescentar que eram de ouro — e os mais finos, mais leves e elegantes que jamais sahiram da casa tão celebre de Matheus Luna — cães dos Ourives?

Nem sempre os punha, a não ser no cartorio ou quando, em casa de algum cliente, acertava a ter de lêr autos. Acreditem — ás segundas, quartas e sextas, ao entrar no foyer das dansarinas, tinha sempre o cuidado de desvendar seus formosos olhos. — Não velava, então, o fulgor do seu olhar nenhum crystal biconcavo — Ficava sem vêr patavina — concordo — e, em vez de um astro, mais de uma vez lhe acontecia comprimentar uma que outra coryphèa; assumia, porem, ar resolutivo, qual Alexandre ao entrar em Babilonia. Por isso a raparigada do corpo de baile, que não se ensaia para ferrar uma alcunha ao mais pintado, mimosára-o com o apodo de Vencedor.

A um turco, nédio e anafado, secretario na respectiva embaixada, tinham posto por sobre nome o Tranquillo; certo conselheiro de Estado era conhecido pelo de Melancólico; um secretario geral do ministerio de X. . . vivo e pimpão de ademanes, dava pelo nome de Tourlu — Eis ahí por que motivo a Elisita Champagne, a quem chamavam tambem Champagne segunda, passou a dar pelo nome de Tourlurette, quando, ao sahir do bando das corypheas, galgou ás alturas de primeira figura.

Os leitores provincianos — se é que esta narração tem já mais de transpôr as fortificações de Paris — vão meditar um minuto ou dois sobre o paragrapho antecedente. Estou d'aquí a ouvir as mil e uma perguntas que elles, mentalmente, estão dirigindo ao auctor. — «Esse tal foyer das dansarinas, que coisa vem a ser?» — «É mais o corpo de baile — e os astros da Opera?» — «E que casta de secretarios geraes são esses que, desgarrados por entre essa gentilha, se arriscam a apanhar a sua alcunha? Emfim, porque caso d'esta vida, um homem cordato, um homem commedido, um homem com certos principios, qual era mestre L'Ambert, apparecia, tres vezes por semana, no tal foyer das dansarinas?»

Ora! meus ricos amigos! pelo facto, exactamente, de ser elle um homem cordato, homem commedido e homem de certos principios. O foyer das dansarinas era, n'essa época, um salão quadrado e espaçoso, guarnecidas as quatro paredes com bancos estofados de veludo vermelho, e povoado pelos homens mais garridos de Paris. Além de financeiros, alli se encontravam conselheiros de Estado, secretarios geraes, duques, e principes, — sem fálarmos nos deputados — e até mesmo prefeitos e senadores dos mais dedicados ao poder temporal do papa. — apenas faltavam prelados — Via-se ministros casados, e dos mais cabalmente casados, até, entre o numero de nossos ministros.

Via-se disse eu; que, aliás, os não vi com meus proprios olhos —; calculam que os jornalistas, pobres diabos, não entravam por ali, como entra o clero na igreja.

As chaves d'este salão das Hespérides trazia-as fechadas na mão certo ministro; sem o beneplácito de Sua Excellencia, ninguém ali punha pé. Mas tambem, olhem que as rivalidades, as intrigas e os ciúmes eram dignos de se ver!

Quantos e quantos ministerios não levaram cambalhóta, sob os mais variados pretextos; bem a fundo, porém, unicamente por não haver estadista, que não ambicione reinar no foyer das dansarinas! Não vão julgar, agora, que taes personagens ali viessem, attrahidas pela isca dos prazeres defezoes! Almejavam mas era por patrocinar uma arte eminentemente aristocratica e politica.

Com o andar dos tempos, isso tudo levou volta — é possível —; que as aventuras de mestre L'Ambert não datam da semana passada. Não remon-

tam, contudo, á mais remota antiguidade. Rasões, porém, d'altas conveniencias, impedem-me que designe, com exactidão, o anno em que este funcionario ministerial veio a trocar o nariz aquillino por outro absolutamente recto. Eis por que eu disse, vagamente, — n'essa época — tal qual como qualquer fabulista Contentem-se com ficar sabendo que a acção, nos annaes d'este mundo, encontra o seu lugar chronologico entre o incendio de Troya, ateado pelos Gregos, e o incendio do palacio de Verão em Pekim, lançado pelo exercito inglez, duas datas memoraveis, na historia da civilização europea.

Um contemporaneo e cliente de mestre L'Ambert, o senhor marquez d'Ombremule, dizia, certa noite, em pleno café Anglais:

Destingue-nos do vulgacho nosso fanatismo pela danza. A canalha péla-se pela musica. Bate palmas, quer as operas sejam de Rossini, quer de Donizetti ou de Auber: um milhão de notasi-nhas de musica, pelos modos, feitas em salada, tem seja o que for que lisonjeia o tympano d'essa gente. Levam o ridiculo a ponto de as cantarem com as proprias vozes roufenhas, de cana rachada, e a policia consente que se reunam em certos e determinados amphtheatros, onde vão escorchar a sua modinha — Que lhes faça bom proveito — cá por mim, não posso escutar uma opera — vejo-a, e contento-me: — chego quando começa o bailado — e, assim que acaba, safo-me. A minha digna avó contou-me, um dia, que nos seus tempos, as senhoras todas de alto bordo, iam á Opera, tão sómente por causa do bailado. Não negavam aos taes senhores bailarinos incitamento de qualquer especie. Chegou a nossa vez: sómos nós agora quem protege as dansarinas — *Honni soit qui mal y pense!* —

A duquezinha do Berry, bonita, noiva, e entregue a si propria, pelo marido, teve a fraqueza de exprobar a este os habitos de excessiva assiduidade aos bastidores da Opera.

— Não tem vergonha, dizia a despeitada, de me deixar para ali, so, no camarote com os seus amigos todos e de ir vadiar, Deus sabe para onde!

— Madame, retorquiu o marido, quem está á espera de apanhar uma embaixada, tem de estudar politica.

— Pois sim: mas creio que em Paris encontrava escólas, e melhores.

Nem uma! Menina, fica sabendo, a danza e a politica são geméas. Tentar ser bem quisto, fazer a côrte ao publico, têr d'olho o regente da orchestra, afinar o rosto, mudar a cada instante de côr e de casaca, pinchar da esquerda para a direita, e vice versa, dar muita reviravolta e aprumar-se, em seguida, sobre os calcanhares, sorrir com os olhos arrazados de agua, não será isto, em resumo, o programma commum á danza e á politica?

Sorriu-se a duqueza, perdoou, e tomou amante.

— Grãos-senhores, taes como o duque de Biétry, estadistas como o barão de F. . . millionários chorudos como Mr. St. . . zinho, e tabelliões, até, como o heroe d'esta historia, andam, a esmo e ás cotovelladas, pelo foyer das dansarinas e pelos bastidores do theatro.

Pertence a ignorancia e a singeleza d'essas oitenta ingenuas bailarinas, em que consiste o corpo de baile, todos são eguaes.

Tratam-os por senhores assignnantes; apanham sorrisos de graça, tagarelam com ellas ao cantinho. Aceitam-lhe ellas as gulosinas, e até mesmo os diamantes, que tomam á conta de mimos de pouca monta e que a nada obrigam quem os recebe.

Corre cá por fóra — néscientemente — que a Opera é mercado de faceis prazeres e escola de libertinagem. E o facto e que as virtudes abundam mais por lá do que por outro qualquer theatro de Paris: porque será? — é porque a virtude, ali, sae mais cara do que em nenhuma outra parte.

Pois não é tão interessante estudar de perto esse povosinho de raparigada, quasi todas sahidas de condição rasteira, e, pelo talento e formosura, elevadas, n'um apice, a grandes alturas?

Pequenas, entre quatorze e dezaseis annos, o maior numero, sustentadas a pão secco e maças verdes, em desvãos e sotãos, de pardecieiros da classe operaria, em cubuculos de porteiros, vem para o theatro de tãpa-miserias e em chinellos, esgueiram se a correr e vão vestir-se á lufa-lufa. Passado um quarto de hora, descem para o foyer, onde apparecem radiosas, deslumbrantes, envoltas em sedas, turlatana e flores — tudo isto á custa do Estado, e mais rutilantes do que as proprias fadas, os anjos ou as huris que divizamos, em sonhos. Ministros e principes vão-lhes beijar a mão e entarinham as casacas pretas no alvaiade dos

braços nus. — Impingem-lhe ao ouvido madri-gaes, novos ou requentados, que é raro ellas en-tenderem.

Encontram-se algumas que não deixam de ter seu espirito, e sabem conversar; essas são pou-cas para as encomendas. — O toque d'uma cam-painha chama as fadas ao palco: a turma dos as-signantés persegue-as até entrarem em scena; faz-lhes cerco, encurralando-as, d'encontro ao tangão de um bastidor. Assignantes virtuosos, que arrostam com a queda dos pannos de fundo, as nodoas de azeite dos candeieiros, e os miasmas mais sortidos, a trôco do prazer de ouvirem uma vozinha um nadita roufenha murmurar encauta-doras palavrinhas da laia das que seguem: — Olha que espiga! Estou mais escamada dos chis-pes!

Sobe o panno e as oitenta rainhas — por uma hora — rodopiam alegremente — debaixo da pon-taria dos binocolos d'um publico electricado. Não ha uma unica que não esteja vendo, ou adivinhan-do, em pleno amphitheatro, dois, tres, dez admira-dores, conhecidos ou não. Até que o panno cõe: para ellas é uma festa! Bonitas, andam enfeitadas, são alvo de mil olhadellas cubicosas, nada tem a temer, quer da critica, quer do assobio hostile.

Deu meia noite — muda tudo como nas magi-cas — Cinderella, com a mãe ou a irmã mais vel-ha, lá vai calcurriando outra vez, ladeira acima, até Montmartre, ou para os casébrés não menos economicos das Batignolles. Pobre pequena — manqueira um quasi nada — e salpica as meias pardas. A mãe, extremosa, e precavida, abelha mestra, que poz as esperanças todas na pequena, de caminho lá lhe vai sorlando, ao ouvido, con-selhos, lições da propria experiencia: — anda-me direitinha, rapariga! — n'esta vida, quem cahe, es-murra o nariz! que se tiveres aquella de escorre-gar — ó menos cahe com geito — olha que, pr'o inferno só de carruagem! — Estes conselhos de quem apprendeu á propria custa nem sempre são seguidos — O coração, as vezes, falla e falla alto. — Tem-se visto bailarinos casarem com bailarinas — tem se visto rapariguitas, lindas como a Venus Anadyomene, economisar cem mil fran-cos de joias para levarem ao pé do altar um em-pregadinho com dois mil francos de ordenado.

Outras encarregam o accaso de lhes cuidar do futuro, e vem a ser o desespero da familia. Espé-raram estias pelo dia 10 de Abril para disporem do coração, porque a si mesmas fizeram uma jura de se intrincheirarem na propria virtude até aos dezasete annos.

Essa, que assim procede, vem a encontrar protector, a seu gosto, e não se atreve a confes-sal-o: teme a vingança do Conselheiro que pro-testou matal-a — e, em seguida, suicidar-se, caso ella viesse a amar outro homem — Escusado será dizer que o homem não dizia aquillo a sério — mas n'aquelle mundo minuscuro, tomam-se as pa-lavras ao pé da letra... Coitadas! como ellas são simples e ignorantes a respeito de tudo.

Alguem ouviu duas raparigas já de seus deza-seis annos, em discussão acalorada, para deci-direm qual das duas provinha de mais nobre es-tirpe e qual se podia gabar de ter melhor parentela:

— Olha a fidalga! — A mãe traz brinços de prata, pois os do meu paé até são de ouro!

Mess' Alfredo L'Ambert adejou por muito tempo, da loira para a morena e veiu por fim a embeicar com uma trigueirinha, assaz bonita, com olhos azues

M<sup>lle</sup> Victorina Tompain era bem comportada, como ellas costumam ser lá na Opera, — até que deixam de o ser.

Bem creadinha, lá isso era, e incapaz, de to-mar qualquer resolução sem consulta dos paes. Via-se, ha perto de seis mozes, perseguida com afincio pelo guapo tabellião e por Ayyaz-Bey, gordalhudo turco de vinte e cinco annos, a quem tinham posto por alcunha o *Tranquillo*. Quer um quer outro haviam tido com a pequena conver-sas muito serias, em que se tratara do futuro d'ella. A respeitavel Madar' Tompain agueta-va a filha, em prudente meio termo, á espera de ver um dos dois rivaes decidir se a fallar-lhe de negócios. O turco era bom rapaz, honrado, circumspccto, mas tímido, — Não obstante, fallou e foi ouvido.

Este casinho não tardou muito que não che-gasse aos ouvidos de toda a gente, excepto aos de mess' L'Ambert, que fôra ao Poitou assistir ao enterro d'um tio.

Quando tornou á Opera viu M<sup>lle</sup> Victorina Tom-pain, usando brinços e pulseiras de brilhantes, e um coração das mesmas pedras pendurado ao pescoço, como um lustre. Era myope o nosso ta-bellião: e quer-me a mim parecer que logo ao principio lhes disse isto.

Só não viu o que deveria ter visto, nem mesmo os sorrisos malignos com que saudaram seu re-gresso. Rodopiou, chareou, brilhou conforme seu costume, esperando, impaciente, que acabasse o bailado e sahisses de scena as pequerruxas. Estavam feitos os seus calculos: e certo o futuro da menina Victorina, mercê d'esse tio excellent, lá de Poitiers, que se lembrára de morrer tão a proposito.

Chamam, em Paris, Passagem da Opera, a certa meada de galerias, largas ou estreitas, escuras ou alumiadas, variando muito de nivel, que ligam entre si o *boulevard*, a rua Lepelletier, a rua Drouot e a rua Rossini.

Extenso corredor, descoberto, em grande parte, prolonga-se desde a rua Drouot até á rua Lepel-letier, perpendicularmente ás galerias do Baro-metro e do Relojo. É na parte mais baixa do mesmo, a dois passos da rua Drouot, que se abre a porta escusa do theatro, — entrada nocturna dos artistas. De dois em dois dias, á meia noite, uma onda de presentas a quatrocentas pessoas desliza tumultuariamente sob as vistas do estima-vel tio Monge, porteiro d'este paraizo. Carpinteiros de scena, comparsas, figurantes, coristas, bai-larinas e bailarinos, tenores e sopranos, auctores, compositores, pessoal administrativo e assignan-tes saem todos de roldão. Uns descem em direc-ção á rua Drouot, outros sobem a escada que atravessa uma galeria descoberta e tomam pela rua Lepelletier.

A meio da galeria sem cobertura, onde vem terminar a do Barometro, messer L'Ambert fumava o seu charuto e esperava. A distancia, para ali, de dez passos, um homemzinho redondo e reboludo, de *tarbouc* escarlate enfiado até á nuca, com um cigarro de tabaco turco da grossura do dedo minimo, na bócca, aspirava a sua fumaça a intervallos compassados. Mais outros vinte que-bra-esquinas, que não estariam ali por bons, es-peravam na pedra da paciencia, cada qual muito preocupado consigo, e assaz pouco com o visi-nho. Os cantores, traiteando, atravessavam, para cá ou para lá; os sylphos masculinos passa-vam, dando um tanto ao chinelo, arrastando os pés e, de minuto a minuto, deslisava por entre os escassos bicos de gaz, uma sombra feminina, embiocada de preto, cinzento ou côr de castanha, a ponto de desnortear quaesquer olhares curiosos, que não fossem os do amor.

Encontram-se uns; vem á fala; outros, evitam-se, esgueiram-se e todos se somem, sem se im-portarem com quem está.

Alto! — Que bulha tão singular! Que desusado tumulto! — Perpasmam, ligeiras, duas sombras. Depois, dois homens a correr, e os fogachos de dois charutos que veem vindo, um para o outro. Ouvem-se vozes destemperadas — como que de gente que anda ás bulhas! — Os que andavam a passeiar veem todos apinhar-se no mesmo ponto; mas já não vêem ninguém. E messer Alfredo L'Ambert, sósinho, desce e dirige-se para a car-ruagem que o espera no *boulevard*. Encolhe os hombros, e machinalmente, olha para o seguinte bilhete de visita, em que poz rubra mancha um pingo de sangue:

AYVAZ-BEY

Secretario da Embaixada Ottomana.

Rua de Grenoble-Saint-Germain, 100.

Ora escutem o que vai resmungando, entre dentes, aquelles tão formosos dentes, o tabellião famigerado da rua de Verneuil.

— Olhem que questão tão tola! Demonios me levem! Eu adivinhava lá que ella tivesse confe-rido direitos ao turco, áquelle animalajo!... Que era elle! lá isso era!... quem me manda a mim andar sem oculos?

— Pespeguei-lhe um murro no nariz, salvo erro. — Cá estão resquícios no bilhete, e na minha luva, tambem. E esta! não me estou vendo agora a braços com um turco? Que eu não quero mal ao rapaz!... E, sabidas as contas, pouco ou nada me importa a pequena... Se a apanhou, melhor para elle! Dois homens decentes ás estocadas por causa da menina Victorina Tompain, a fallar verdade! — O maldicto sóco é que veiu estragar tudo!... Eis o que elle murmurava entre dentes, aquelles trinta e dois dentes, alvos e agudos que nem os de qualquer lobosito. Mandou embora o cocheiro, e lá foi calcurriando a pé para o Cir-culo das Vias-Ferreas. Encontrou-se ali com dois amigos, e contou-lhes a aventura. O provédto marquez de Villemorain, ex-capitão da Guarda-Real, e o juvenil Henrique de Stemberg, agente de cambio, opinaram, unanimés, que fôra o murro que deitára tudo a perder.

(Continúa)

Pin-Sel.



## REVISTA POLITICA

Dois factos importantes se deram nas ultimas semanas, que indicam, por uma fórma animadora, a melhoria do credito do paiz, respondendo elo-quentemente a todas as politiquices que para ahí tem procurado desviar a boa marcha dos negocios publicos.

Referimo-nos á cotação, em Paris, das obriga-ções da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, e á realisação diffinitiva do empresti-mo de 3:000 contos destinados á compra de navios de guerra. Ao ponto de descredito a que tinham chegado as obrigações da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, sem cotação nos mercados estrangeiros e nacionaes, foi uma verda-deira campanha as negociações entabuladas pelo governo portuguez para chegar a este resultado lisonzeiro, cujas consequências moraes e materiaes, nos parece ocioso encarecer.

As obrigações já hoje teem uma cotação favora-vel em todas as bolsas, principiando pela de Pa-ri, e o Estado valorizou assim as 70:000 obriga-ções que tinha em carteira caucionando a divida da companhia ao thesouro, o que põe á sua dis-posição uns 5:000 contos.

Não foi menor triumpho a realisação do empre-sio, caucionado por parte dos titulos da Com-pañhia dos Tabacos, em poder do governo, e se essa operação se pôde considerar um renascimento do nosso credito nas pracas estrangeiras, os seus resultados não são tambem menos lisonzeiros, pela applicação que esse emprestimo vai ter, como é a da compra de quatro cruzadores couraçados para a marinha de guerra portugueza, e que fa-zem parte do projecto de reorganisação da nossa armada.

O estado indigente a que tinha chegado a nos-sa marinha de guerra, não podia prolongar-se por mais tempo, entretanto os governos succediam-se sem que tivessem a iniciativa de a restaurar, mais entregues ás preocupações da politica dos parti-dos, do que á administração das coisas do Estado.

Felizmente venceu-se essa barreira, e assim co-mo se reorganizou o exercito, que tambem havia chegado quasi ao ultimo grau de decadencia, vai agora levantar-se do abatimento em que estava, a marinha de guerra, que n'um curto periodo é au-gmentada com seis navios modernos, incluindo os dois da Commissão da Subscrição Nacional, além do *Pero de Alemquer* e do *Pedro Nunes*, que o go-verno já adquiriu, e que são dois navios em boas condições para o fim destinados.

Mas, visto que entrámos a relatar as medidas que pouco a pouco tem ido reorganizando a ad-ministração do paiz, não deixaremos de referir o que nos ultimos tempos se tem feito no ultramar, onde tudo tinha chegado quasi ao abandono, e para o que só haviam declamações patrioticas quando se receava que alguma potencia extran-geira nos contestasse a posse de colonias de que não queriamos saber para os actos de administra-ção.

Mudou-se, felizmente, de idéas a esse respeito, e em vez de declamações, por ventura muito gratas á nossa imaginação e muito especulativas para a politica indigena, tem-se feito administra-ção, principiando por mandar para essas colonias governadores com competencia e poderes mais lutos, como os dos commissarios régios, dando-lhes a força armada necessaria para manter o res-peito da auctoridade e o bom cumprimento das leis, e tratando-se com toda a actividade possivel dos melhoramentos publicos em beneficio do tra-balho e do commercio, n'essas colonias. A pro-vincia de Moçambique era a que reclamava mais promptas medidas, pelo grande atraso em que jazia, e por isso é n'esta provincia que o governo tem empregado mais actividade, o que honra sobremodo o ministro da marinha que tem sabido dar á sua pasta a importancia que realmente sem-pre deveria ter tido, como potencia colonial que somos.

Á testa da administração da provincia de Mo-çambique está actualmente Mousinho de Albu-querque o heroe de Chaimite, com poderes de commissario régio, que ultimamente lhe foram conferidos. Os actos da sua administração vão provando quanto foi acertada a escolha do gover-no nomeando o glorioso official do exercito, para aquelle alto cargo, e factos recentes mostram quantos abusos e illegalidades o seu governo tem



PELOURINHO DE MURÇA

Cópia de uma photographia do sr. Emilio de Campos

Já tido que castigar, mau grado dos que medravam á sombra da impunidade.

No empenho de restabelecer a ordem e a tranquillidade tão necessarias para o desenvolvimento da riqueza publica, o valente governador quiz reduzir á obediencia os povos namarraes da provincia, unicos que ainda se conservam menos submissos á soberania portugueza, mas menos feliz na sua primeira investida, teve que retirar, fazendo-o comtudo de modo tão brilhante, como, talvez, não haverá exemplo na historia militar ou na arte da guerra.

Mousinho d'Albuquerque retirou mas não desiste do seu plano, e requisitou forças do reino para voltar a dar batalha aos namarraes, sendo de esperar que não percam pela demora.

A nova expedição que vai para Moçambique, composta de uma companhia de guerra, fornecida pelo regimento de infantaria n.º 4, e de uma força de marinha, sob o commando de Azevedo Coutinho, outro valente official da armada, já está prompta a partir, e em breves dias seguirá ao seu destino, no vapor *Zaire* da Empresa Nacional.

Ao mesmo tempo que se dão estes acontecimentos em Moçambique, desenvolve-se grande movimento nas obras de balizagem e porto de Lourenço Marques que estavam sendo instantemente reclamadas.

Muito se deve á larga cooperação do sr. ministro da marinha, que tem sido incansavel.

As noticias que veem de Lourenço Marques são o mais lisonjeiras possiveis a respeito dos melhoramentos que ali se tem realisado.

O valente governador de Timor conseguiu derrotar completamente os povos rebeldes e restabelecer a paz na oceania portugueza. São tambem favoraveis as noticias da Lunda, onde as armas portuguezas alcançaram mais uma victoria.

E' realmente notavel que, com os poucos recursos de que podemos dispor, se tenha sustentado, nos ultimos annos, a guerra em quasi todos os pontos da Africa ao mesmo tempo e na Oceania e que a boa sorte tenha sempre favorecido as armas portuguezas.

Entretanto que dinheiro tem custado essa guerra?! Como se tem podido fazer face ás despesas, n'uma época tão difficil para o thesouro?

Quantos governos menos activos e previdentes teriam sossobrado no meio d'estes revezes?

E' por isso que, sem espirito de politica partidaria, apontando simplesmente os factos, que não é preciso encarecer, nos tem surpreendido os boatos de crise e até de queda do ministerio, que nos ultimos dias tem circulado.

Crise e queda, porquê?  
Quando duas operações financeiras de tanto alcance affirmam o renascimento do nosso credito.

Quando o exercito e a marinha se erguem do abatimento em que estavam, adquirindo-se em pouco tempo oito navios de guerra, como ha muitos annos não tinha.

Quando enfim se olhou para a administração das colonias sob uma forma pratica que promette desenvolver a sua riqueza.

Quando o reino está pacifico e as relações internacionaes na melhor cordealidade.

Porque ha de cahir o ministerio?

Pelas intriguinhas politiqueras de alguns descontentes a quem as pretensões não correm bem ou que querem o poder só porque o querem, sem fundarem as razões d'esse querer?

Não nos parece que vão os tempos para essas phantasias, porque o paiz o que quer é governo e não se importa de partidos nem de declamações.

Está exactamente como o auctor d'estas linhas.  
João Verdades.



Recebemos e agradecemos:

Sá de Miranda e a sua obra por Decio Carneiro. Lisboa. 1895.

Este livro, comquanto sabido do prélo acerca de um anno, foi-nos, não ha muito, oferecido pelo seu auctor, por occasião de travar conhecimento conosco.

Então, a offerta valeu-nos o podermos mais directamente avaliar das capacidades de estudo e de trabalho de Decio Carneiro, a quem já conheciamos pelo seus, ora scintillantes de graça, ora eruditos em variados conhecimentos, *Echos*, cuidada secção do nosso prezado collega *Reporter* e em que elle se subscrevia *Decar*. O que, n'aquella occasião, constituiu delicada cortezia por parte do referido escriptor, obriga-nos hoje, chegada a sua altura, a fallar do trabalho *Sá de Miranda e sua obra*.

E o poeta Sá de Miranda um dos vultos mais sympathicos da litteratura portugueza, e tudo quanto se avance a este respeito merece incondicional applauso.

Felizmente, escriptores conceituados, como Theophilo Braga e outros, teem tratado a questão litteraria, e não devemos esquecer, antes collocar proeminentemente o nome de uma distincta dama, escriptora de rara erudição, que fez a mais bella edição que temos da obra de Sá de Miranda, a Sr.ª D. Carolina de Vasconcellos.

De forma que o livro de Decio Carneiro, não podendo adiantar mais do que haviam feito os dois escriptores alludidos dispõe com clareza, examina com segurança e resume perfeitamente tão interessante assumpto.

Não quer dizer isto que esteja a questão litteraria completamente esgotada, antes muito longe d'isso. E vêr os documentos trazidos á luz por Sousa Viterbo, que bem esclarecem a questão genealogica, mas dos quaes o erudito escriptor não inferiu quanto se podia deduzir. Felizmente, um recente livro de Theophilo Braga — *Sá de Miranda* completa todos estes trabalhos e encara o assumpto com bastante logica e firmeza de methodo, fazendo resaltar brilhantemente a sympathica figura do notavel poeta portuguez que tão importante papel goza na nossa litteratura.

D'aqui, o ficar o bem elaborado trabalho de Decio Carneiro, offuscado pelo tomo e importancia das outras obras que tratam do mesmo assumpto. Comparação, quem a fizer deve encontrar palavras de elogio para Decio Carneiro, lastimando apenas que o distincto jornalista tratasse um assumpto sobre o qual estão traçadas as linhas geraes, com maestria difficil de exceder. Tornou-se, pois, ingrato o assumpto de tão suggestivo que era.

Terminaremos, pedindo que para bem da nossa litteratura e bibliographia, todos aquelles que se decidirem a trabalhar, tratem de assumptos e questões ainda não liquidadas ou indicadas, que as temos ás dezenas na nossa historia, para assim se tornar util o terreno desbravado, e não nos reduzirmos ao fraco papel de assimilar ou resumir o que sobre o assumpto ha escripto.

## ALMANACH ILLUSTRADO DO «OCCIDENTE»

Para 1897

Está publicado este interessante annuario, contendo alem do calendario e de todas as tabellas do costume, um largo extracto da *Campanha d'África contada por um sargento*, com muitas gravuras de retratos e combates.

Publica tambem um resumo da *Nova Sciencia de Curar pelo Methodo Kuhne* com receitas da cozinha vegetariana, etc.

Uma linda capa em cores representando a *Prisão do Gungunhana por Mousinho de Albuquerque*.

PREÇO 200 RÉIS, PELO CORREIO 220 RÉIS

Cartonado 300 réis pelo correio 320 réis

Recebem-se encomendas na

EMPRESA DO OCCIDENTE

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 29